



Conservação ambiental

Paisagismo urbano

Áreas verdes não acompanham os avanços da engenharia brasileira

Por Marcelo Machado Leão e José Flávio Machado Leão

A engenharia nacional está acostumada a vencer grandes desafios: abre estradas nos lugares mais inacessíveis, corta montanhas, perfura o solo para abrir caminho para os trens do metrô, transpõe rios e mares com pontes de desenho admirável, constrói edificações de todos os tipos, na maioria das vezes, com muita competência e profissionalismo. Por isso, sua qualidade é reconhecida até no exterior. Prova disso é o grande volume de obras executadas por empresas e técnicos brasileiros nos mais diversos países.

Se o Brasil exporta tecnologia e conhecimento nas áreas da arquitetura e construção civil, deixa a desejar, ainda, no que se refere à implantação das obras de paisagismo. Os jornais sempre trazem notícias de áreas verdes plantadas nos grandes centros urbanos, cuja vegetação, logo após o plantio, precisa ser substituída, porque as mudas recém-plantadas, sem os cuidados necessários, acabam morrendo, ou apresentam aspecto visual inadequado.

O que se vê normalmente em várias cidades brasileiras são jardins mal executados, sempre a toque de caixa, desrespeitando as normas técnicas necessárias. O resultado é que os plantios realizados duram muito pouco, com grande desperdício de trabalho e dinheiro público.

O prejuízo é maior ainda para a paisagem: as áreas ajardinadas, que deveriam valorizar cenários, criando ambientes mais agradáveis e aprazíveis, assumem aspecto desagradável, apresentando vegetação morta ou em decrepitude. Muitas vezes, tornam-se depósitos de lixo e de entulhos, verdadeiros criadouros de insetos e animais indesejáveis.

São várias as causas dessa situação. Entre elas, pode-se citar, em primeiro lugar, o desconhecimento das normas agrônomicas básicas de plantio, que exigem o adequado preparo do terreno, a adubação balanceada, a correção dos níveis de acidez do solo, a acertada seleção das espécies vegetais adaptadas às condições ambientais da microrregião, a exigência da qualidade das mudas e a manutenção eficiente durante o período de consolidação da vegetação, efetuando regas e podas, quando necessário.



Central Park de New York, Estados Unidos, um verdadeiro pulmão verde na grande metrópole mais visitada do mundo

Inúmeros jardins são implantados em terrenos em que foram realizadas grandes movimentações de terra, por meio de terraplenagens, que retiraram a camada original do solo, justamente a mais fértil (a orgânica, situada quase à superfície), impedindo o bom desenvolvimento da vegetação. Muitas vezes, os plantios ocorrem em áreas degradadas, que exigem a cuidadosa limpeza, com a total retirada do lixo, detritos, entulhos, restos de materiais, antes do cultivo das mudas.

Outro fator que prejudica a implantação é o imediatismo. Muitas pessoas pensam que, com a colocação de árvores adultas, de maior altura, é possível acelerar etapas e se obter rapidamente jardins com aspecto mais acabado. Essa conduta, porém, envolve maiores riscos, com baixa taxa de sobrevivência, principalmente quando a implantação e manutenção não efetuadas da forma correta.

O transplante de espécies vegetais de maior porte sempre é duvidoso, pois nem sempre a reação das plantas é positiva. Exige grande tecnologia, com o preparo antecipado da planta, a observância das estações do ano (a operação deve ser feita durante o inverno, quando o processo vegetativo é mais lento) e acompanhamento pós-plantio mais rigoroso, para garantir seu completo pagamento.

Por isso, recomenda-se, prin-



Aula de educação ambiental no Jardim Botânico de Visby, na Suécia

cipalmente, no caso das obras públicas, que se opte pelo

plântio de mudas menores, mais resistentes e que cresce-

ção perfeitamente adaptadas às condições locais.

É preciso também levar em conta que os recursos destinados às obras de paisagismo nem sempre são compatíveis com o tamanho das áreas e as exigências das plantas. Normalmente, quando chega a época da implantação dos jardins, já se consumiu a maior parte da verba nas obras civis, e os investimentos em projetos, plantas e insumos são sempre inferiores ao desejável. O barato acaba saindo mais caro: o embelezamento do cenário, ou a restauração da forma e da função da vegetação, normalmente os principais objetivos do tratamento paisagístico, não são atingidos.

Marcelo Machado Leão é Engenheiro Agrônomo, Mestre e Doutor em Ciências Florestais e pós-doutorando pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. Além de diretor técnico da Propark Paisagismo e Ambiente Ltda., e Coordenador da Propark Educacional, é professor convidado da Esalq-USP e Professor do PECEGE/Esalq-USP.

José Flávio Machado Leão é engenheiro agrônomo, mestre e doutor pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz e há mais de quarenta anos atua em paisagismo e conservação ambiental, na empresa Propark Paisagismo e Ambiente Ltda., estabelecida em Piracicaba (SP).

BENEFÍCIOS

Funções das áreas verdes nas cidades

A vegetação tem efeitos diretos sobre a saúde mental e física da população dos grandes centros, e, por isso, a demanda pelas áreas verdes tem aumentado nos últimos anos, principalmente, diante do moderno estilo de vida da população urbana, que favorece o sedentarismo e o aumento do estresse. Dentre os benefícios trazidos por essas áreas aos moradores dos centros urbanos, destacam-se:

- Estimulo ao convívio social e ao exercício físico;

- Controle da poluição do ar e acústica;
- Aumento do conforto ambiental;
- Equilíbrio do índice de umidade no ar;
- Estabilização de superfícies, pela fixação do solo pelas raízes das plantas;
- Intercepção das águas da chuva no subsolo, reduzindo o escoamento superficial;
- Servir de abrigo à fauna;
- Proteção das nascentes e dos mananciais;
- Valorização visual e ornamental do ambiente.

plântio de mudas menores, mais resistentes e que cresce-

ção perfeitamente adaptadas às condições locais.